

Informação como relacionalidade e a supressão do relacional no capitalismo digital¹

Lucas Paolo Vilalta²

para Pablo Manolo Rodríguez

Resumo: Neste artigo apresentamos e analisamos três dimensões que são articuladas pelo conceito de informação proposto pela filosofia simondoniana, como devir do ser, amplificação e relacionalidade. Estas dimensões conformam uma nova metafísica que capta o ser enquanto relações que se relacionam. Tal metafísica da informação, que propomos constituir o cerne da filosofia de Simondon, é uma ferramenta chave para a compreensão e crítica dos modos como o capitalismo digital tem capturado o devir e as amplificações através da supressão do relacional.

Palavras-chave: Simondon. Informação. Metafísica. Capitalismo digital. Plataformas.

Information as relationality and the suppression of the relational in digital capitalism

¹ O artigo aqui apresentado é resultado das pesquisas realizados no âmbito de minha pesquisa de mestrado e, atualmente, no percurso de minha tese de doutorado, orientadas por Silvana de Souza Ramos; ambas foram apoiadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com uma bolsa. Agradeço a CAPES por possibilitar com esse apoio o desenvolvimento das investigações que resultam nos resultados aqui apresentados.

² Doutorando, mestre e bacharel em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; é autor do livro "Simondon: um introdução em devir" (2021) e co-organizador de "Máquina Aberta: a mentalidade técnica de Gilbert Simondon" (2022). Email: lucaspaolovl@gmail.com.

Recebimento em: 30/01/2022 – **Aceito em:** 16/08/2022

Abstract: This article proposes and analyze the three dimensions that proposed by Simondon's philosophy articulated through the concept of information, such as becoming of being, amplification and relationality. These dimensions bring a new metaphysics that captures being as relationships which relate to each other. This metaphysics of information, which we propose to constitute the core of Simondon's philosophy, is a key tool for understanding and criticizing the ways in which digital capitalism has captured the becoming and the amplifications through the suppression of the relational.

Keywords: Simondon. Information. Metaphysics. Digital capitalism. Platforms.

La información como relacionalidad y la supresión de lo relacional en el capitalismo digital

Resumen: Este artículo presenta y analiza las tres dimensiones que la filosofía de Simondon articula a través del concepto de información, tales como el devenir del ser, la amplificación y la relacionalidad. Estas dimensiones conforman una nueva metafísica que capta el ser como relaciones que se relacionan entre sí. Esta metafísica de la información, que proponemos que constituye el núcleo de la filosofía simondoniana, es una herramienta clave para comprender y criticar las formas en que el capitalismo digital ha capturado el devenir y las amplificaciones por medio de la supresión de lo relacional.

Palabras clave: Simondon. Información. Metafísica. Capitalismo digital. Plataformas.

A informação é um enigma e, como tal, é algo que todos estão a ponto de compreender, ao mesmo tempo, em que se desconhecem e que o conhecimento vaga. Um dia, para a filosofia e sua história, esse enigma foi o do Ser. Podemos afirmar que a metafísica do ser e seus mistérios se eclipsaram com a filosofia de Heidegger, ao mesmo tempo em que uma nova metafísica vinha sendo inaugurada: a da informação. É um equívoco de certas tradições ocidentais acreditar que a metafísica, por se propor um conhecimento dos princípios e fundamentos, seria anterior aos demais saberes. Já em Aristóteles, em sua *Metafísica*, é o estudo do cosmos em sua integralidade enquanto *physis*, *téchne*, *telos e eschaton*, que leva a proposição de uma metafísica que descreve as "várias acepções nas quais se diz existirem as coisas" [992b19]

(2012, p. 70). A metafísica é finalmente um pensamento sobre a *arché*, ou seja, sobre a origem e o princípio material de tudo que existe.

Assim, diferentemente da leitura que se consolidou da metafísica como a ciência que estuda as coisas incorpóreas e imateriais (se é que elas existem), Aristóteles propunha uma metafísica como o pensamento capaz de refletir, não apenas sobre existências específicas ou aspectos específicos da existência em geral, mas também sobre as coisas corpóreas e incorpóreas, em seus processos de geração, consumação, finalidade e destruição, em seus movimentos e, portanto, também em sua essência ou substância [998b23-29] (2012, p. 61). Por essa atribuição conferida à metafísica por Aristóteles é que ela passou a possuir um sentido equivalente ao da ontologia – que seria o estudo do ser enquanto ser. Para a metafísica da informação que descreve a *arché* da digitalidade – isto é, os princípios materiais e o materialismo que nossa época invoca –, a correlação não se dá com a ontologia, mas com a ontogênese que designa, segundo Simondon, "o caráter de devir do ser, aquilo por que o ser devém enquanto é, como ser" (2020a, p. 16). **A metafísica deixa de ser o estudo do ser enquanto ser, para ser o estudo do devir do ser nas relações.** E é por construir uma filosofia sistemática da ontogênese fundamentada em um realismo das relações (*physis*) e em uma metafísica da informação (*téchne*) que poderíamos afirmar que Simondon é o Aristóteles de nosso tempo³. Com a diferença de que Simondon será também

³ Tal afirmação poderia soar estranha a um leitor de Simondon, dado que este é reconhecidamente um ávido crítico do hilemorfismo aristotélico em *A individuação à luz das noções de forma e de informação* (2020a). Contudo, para além de uma metafísica centrada na noção de forma e consagrada à substância, Simondon vê na análise filosófica de Aristóteles uma física do devir e da mentalidade técnica extremamente inovadoras. "As formas, as relações podem ser, em certa medida, o resultado de um devir, de uma atualização e não são sempre anteriores à experiência, à atividade do vivente; a *phýsis* está também no homem, em sua alma, e não só nos elementos. Esta hipótese é extremamente forte e nova; ela é fruto do saber biológico de Aristóteles, de seu estudo das correlações entre a anatomia e a fisiologia dos viventes.

o principal crítico da substancialização da informação *e das relações*. "Como o 'ser' em Aristóteles, a 'informação em Simondon pode ser compreendida de distintas maneiras, algumas delas similares à cibernética, outras não" (BLANCO, RODRÍGUEZ, 2016, p. 3). À essa multiplicidade de sentidos da informação corresponde uma multiplicidade de problemáticas filosóficas.

Informação e devir

Em uma primeira dimensão, para Simondon a informação é uma tensão, uma qualidade e/ou uma diferença que permite a classificação das ontogêneses como possibilidade de "*pluralizar a lógica com um fundamento válido de pluralidade*" (SIMONDON, 2020a, p. 34); sendo que cada ontogênese expressa distintas significações de acordo com diferentes tipos de individuação em seus devires e modos de existência singulares. Assim, a informação em Simondon expressa, primeiramente, distintos tipos de significação (física, vivente, psicossocial, técnica etc.) porque ela é a operação concreta e singular de resolução dos mais diversos tipos de problemáticas envolvidas nas individuações em uma multiplicidade de sistemas. Como Simondon afirma, a informação, seja no tropismo de uma planta, seja em nível transindividual, não é nunca algo que está dado, mas é resultado de uma disparidade real, é "*a significação que surgirá quando uma operação de individuação descobrir a*

Para a compreender bem, é preciso insistir sobre o conteúdo da noção de virtualidade, de potencialidade, que vai muito além da simples possibilidade lógica; a potencialidade é a força tornada tendência do vivente, tensão direcionada, desejo, aspiração; a *phýsis* jônica, com a matéria e a sensorialidade, é introduzida no vivente, que também contém a forma, como finalidade unificada do conjunto em devir". (SIMONDON, 2006, p. 23). Compreende-se, então, que, por mais que Simondon fosse crítico ao hilemorfismo de Aristóteles, ele também fosse um admirador de sua física e de sua técnica. Em Aristóteles, Simondon percebe que "o *devir* aparece, então, como constitutivo do ser" e que "a forma de Aristóteles convém perfeitamente ao devir e ao indivíduo em devir, pois ela comporta a virtualidade, a tendência, o instinto; é uma noção eminentemente *operatória*" (SIMONDON, 2020b, p. 583-4)

dimensão segundo a qual dois reais díspares podem devir sistema"; ela não expressa deste modo um estado de unidade e identidade do ser consigo, mas um estado de defasagem e disparidade, de "tensão de um sistema de ser" (2020a, p. 26-7 – grifos no original) em que a incompatibilidade inicial do sistema, a dimensão pré-individual do ser, torna-se um excesso que possibilita a comunicação e a propagação da organização.

Então, nesse primeiro sentido, a informação não apenas descreve o pluralismo ontogenético do ser, mas fundamentalmente descreve o **ser como devir**, a informação é estritamente *in-formação*, ou seja, processualidade de organização das matérias e energias na metaestabilidade dos mais diversos tipos de sistemas. A informação é o próprio processo do devir do ser.

Consequentemente, a informação pode ser compreendida de distintas maneiras não apenas porque, se olharmos, por exemplo, para o colossal *Theory of Information* de Mark Burgin, veremos que ela abrange e envolve quase todos os campos das ciências contemporâneas e, mais que isso, quase todos os aspectos em que os limites e possibilidades do conhecimento estão sendo problematizados; mas, porque ela nomeia um dos aspectos essenciais da própria materialidade da realidade. Como Burgin explica citando o físico John Archibald Wheeler:

Cada quantidade física deriva seu significado último da informação. Ele denominou essa ideia de "It from Bit", em que "It" significa "coisas", enquanto "Bit" personifica a informação como a unidade de informação mais popular (...) Essas características do mundo físico [dimensões, causalidade e espaço-tempo] somente aparecem como propriedades emergentes na modelagem ideal da realidade física que é realizada com base em informações sobre interações complexas de elementos básicos muito simples, como partículas subatômicas (BURGIN, 2010, p. 294).

Assim, a informação nomeia o processo do devir do ser e implica um tipo de materialidade física que nos recoloca o problema

ontológico por excelência, a saber, do que a realidade é feita. Para adentrarmos a segunda dimensão da metafísica da informação, retornemos a uma aula de 1981 de Deleuze sobre Espinosa em que ele sugere que:

A noção de informação poderia ser um atributo da substância, tal como a postulou Espinosa. "O poder de discernimento de uma partícula é a alma ou o espírito. Poder-se-ia chamá-lo de outro modo, não é grave. Podemos o chamar de 'informação', por exemplo. Por que não? Não seria um incômodo. Espinosa não veria nenhum inconveniente em o chamar de informação. Na época se chamava 'alma'. Vocês compreendem, é uma questão de palavras" (RODRÍGUEZ, 2019, p. 50, n. 6).

Essa conjectura de Deleuze vai além de um capricho, pois instaura um problema filosófico chave – que na tradição aparece na discussão sobre a alternativa entre monismo ou pluralismo ontológico – e que aqui abordaremos como a disjunção entre um "platonismo ou aristotelismo da informação" (SIMONDON, 2020b, p. 578-85). Simondon desenvolve essa discussão na conferência *Forma, Informação, Potenciais (FIP)* de 1960. O que Simondon apresenta em *FIP* pode nos levar a propor a seguinte pergunta: o que caracterizamos como informação é um novo tipo de essência que ao invés de alma ou espírito teria o nome de "informação"?; ou é um "poder de discernimento", uma função vinculada a uma operação já não exclusivamente humana realizada pelas partículas de correlacionar matérias e energias enquanto individuações simultaneamente energético-materiais?

Obviamente, para alguém como Simondon que afirma que "ser ou não ser informação não depende somente de características internas de uma estrutura" e que "a informação não é uma coisa, mas a operação de uma coisa ingressando num sistema, e nele produzindo uma transformação" (2020c, p. 283), a informação não pode ser considerada um novo tipo de essência ou de substância ontológica. Como comentou Bardin, "se a noção de forma é conce-

bida em termos de identidade e 'estrutura', a 'informação', ao contrário, pode ser concebida em termos de uma relação diferencial e 'operação'" (2015, p. 25); e esta concepção será outra grande inovação da metafísica simondoniana diante de concepções consagradas como as de Shannon ou as de Wiener.

Por um lado, no contexto da primeira cibernética⁴, para Wiener (2017) a informação será uma **medida de organização da matéria em sistemas específicos**; por outro, a concepção de Shannon é **unidimensional**, como bem definiu Robert Logan (2012), já que é unicamente uma medida sintática e probabilística que não leva em consideração aspectos semânticos ou de significado. Seguindo uma classificação proposta por Donald MacKay (1969), poderíamos dizer que a informação de Shannon é seletiva dado que opera por instruções prévias e com base em quantificação, excluindo aspectos de significação e de contexto. Já a informação de Wiener seria considerada estrutural, pois está especificamente ligada às significações dos comportamentos e relações entre *inputs* e *outputs* dentro de sistemas determinados. Ambas, no

⁴ A cibernética foi definida por seu fundador, Norbert Wiener, como a ciência que estuda o controle e a comunicação em animais, homens e máquinas (1954). Ela se consolidou como uma tecnologia intercientífica, principalmente, nos Estados Unidos entre as décadas de 40 e 60 a partir da confluência das investigações de engenheiros e cientistas que trabalhavam para as forças armadas estadunidenses e/ou para os institutos de pesquisa das empresas de telefonia. O historiador das ciências Steve Heims os denominou o "grupo dos cibernéticos"; podendo ser elencados como expoentes desse grupo matemáticos e lógicos como Wiener, Von Neumann, Pitts, Turing e Shannon; físicos e engenheiros como Vannevar Bush e Bigelow; fisiologistas como Arturo Rosenblueth, W. B. Cannon, McCulloch e Donald MacKay; e até sociólogos como Warren Weaver e antropólogos como Gregory Bateson e Margaret Mead. Muitos deles participaram ativamente das discussões que ocorreram durante as Conferências Macy (1946-53); além deles, também compõe o grupo expoentes do que foi denominado "segundo cibernética", como Heinz von Foerster, Ross Ashby, Francisco Varela, Henri Atlan e Humberto Maturana, que deslocavam o centro do interesse das investigações do controle e da comunicação, para a complexidade e a auto-organização.

entanto, como salienta Katherine Hayles (1999, p. 55-7), são reificadas pois suas relações e processos existem na medida em que podem ser quantificados, conformando-se como **dados de um sistema**. Em contrapartida, "enquanto a informação de Shannon e de Wiener é um substantivo ou uma coisa, a de MacKay é um verbo ou processo" (LOGAN, 2012, p. 48-50). Bateson (1993), Ashby (1970), MacKay – e em certos textos até mesmo Wiener – propõem considerar a informação a partir do que ela **produz** e não do que ela é.

Podemos, então, seguir aqui a leitura de Pablo Rodríguez de que o que haveria em comum em todas essas concepções produtivas e processuais seria a caracterização de que a informação é aquilo que produz uma diferença, um "processo de plasticidade e modulação" que altera o receptor ou o sistema no qual incide (RODRÍGUEZ, 2019, p. 94). Alinhado a essas concepções, é que podemos compreender o aristotelismo da informação que há na metafísica da informação de Simondon; a informação como atividade das relações, produz uma diferença, é uma **relação de ser outro**. Contudo, parando neste ponto, não identificaríamos a originalidade da teoria da informação de Simondon dado que o foco no emissor, na diferença, e na metaestabilidade do sistema em que incide são algo que encontramos em graus diferentes nos textos dos citados "primeiros cibernéticos". A originalidade da concepção de Simondon – e nisto consistirá a segunda dimensão de sua metafísica – é conceber a informação como devir do ser, mas associada a uma exigência de **devir do devir**.

Como veremos, ainda haverá uma terceira dimensão – que recupera certo platonismo – da informação como relacionalidade e como correlação entre matéria e energia que a aproxima da concepção de uma "alma" ou de um "poder de discernimento das partículas". Talvez possamos encontrar outra razão que nos permita captar a afirmação de Rodríguez de que "certas posturas cibernéticas e sistêmicas terminem por considerar a informação como um tipo de ideia" e entender porque tal concepção termina por ser exitosa dado que "permite que a informação seja aplicada a diferentes realidades – técnicas, vitais, sociais, culturais, físicas –

e que siga sendo o mesmo: uma espécie de essência" (2019, p. 93); e, talvez, justamente por não concebê-la como essência individual, mas como essência relacional, possamos compreender como ela está em disputa no dispositivo digital.

Informação e amplificação

Mas, antes, terminemos de apresentar a segunda dimensão da informação. Vimos que a informação correspondente à processualidade própria das distintas maneiras como o ser devém, ou seja, das distintas individuações. Como afirma Simondon ela é "uma *exigência de individuação*, jamais uma coisa dada; não há unidade e identidade da informação, pois a informação não é um *termo*" e completa "a informação é a fórmula da individuação, fórmula que não pode preexistir a essa individuação; poder-se-ia dizer que a informação está sempre no presente, atual, porque ela é o sentido segundo o qual um sistema se individua" (2020a, p. 26-7). Agora, ela é o devir do ser sem preexistir a esse devir, sem preexistir à individuação concreta do sistema que se individua; isto nos leva ao que poderíamos dizer que é a exigência ética, política, epistemológica e ontológica fundamental da filosofia simondoniana: **que todo devir implica um devir do devir**. Nesse sentido, o devir do ser que é a informação irá comportar um devir do devir. O conceito que melhor explicita essa exigência de individuação da individuação, de devir do devir, é, justamente, o de amplificação.

É no mínimo curioso que diante de interlocutores privilegiados de sua filosofia, como Norbert Wiener, Simondon não fale nem de individuação, tampouco de objetos técnicos. Na conferência *Amplificação nos processos de informação (API)*, apresentada nos Colóquios Royaumont em 1962, ele irá falar das operações informacionais de amplificação. Como resumiram Pedro Ferreira e Evandro Smarieri – tradutores do texto da conferência para o português – há:

três 'níveis do processo informacional de amplificação': a amplificação transdutiva 'por recrutamento positivo'; a amplificação moduladora 'por limitação'; e a amplificação organizadora 'por descoberta de um sistema de compatibilidade'. Para cada um dos três níveis, Simondon apresenta exemplos dos mundos físico, vivo, técnico e psicossocial (2020c, p. 283).

Não poderemos retomar essa conferência em detalhe aqui⁵. Para o que nos interessa discutir, queremos frisar que, já em suas primeiras palavras em *API*, Simondon define a informação como processualidade que se realiza em distintos tipos de operação de informação, como são a transdução, a modulação e a organização. A amplificação nos processos de informação não é apenas o esquema que Simondon cria para pensar diferentes processos de individuação e para também processualizar esses processos – a individuação da individuação – mas, é também a conjunção entre técnica, ontologia e lógica para **conceitualizar os modos de existência das relações**. Como veremos, a informação se diz de vários modos porque ela é o ser da relação, nos diferentes modos em que as relações existem e se relacionam com outras relações.

Voltando a *API*, Simondon também estabelece um diálogo com os conceitos da cibernética, apresentando-os em relação às condições da informação (metaestabilidade, comunicação e ressonância interna). "A realidade local, o receptor, é modificado em seu devir pela realidade incidente e é essa modificação da realidade local pela realidade incidente que é a função da informação" (SIMONDON, 2020c, p.284). É necessária a existência de uma realidade local, um receptor que funcione como um "quase-sistema" que possua, por um lado, um grau de estruturação prévia que permita a incidência de informação significativa, ou seja, que haja significação e comunicação; por outro lado, esse quase-sistema não é uma realidade já totalmente organizada, ela

⁵ Realizamos detalhadamente uma análise de *API* e da informação ligada ao devir do ser e ao devir do devir em: VILALTA, 2021a, p. 126-47.

possui uma condição aberta, uma metaestabilidade de base que permite a relação entre ordens de magnitude e de realidade díspares, ou seja, que haja ressonância interna. Isto é o que Simondon definiu como autonomia energética: o estado interno de um sistema que faz com que exista disponibilidade, disparidade inicial, energia potencial e um grau de estruturação para que um devir possa operar. Por outro lado, ele fala de heteronomia das transformações como exigência de que o elemento disparador do devir seja uma incidência de informação que lhe seja "exterior", que lhe seja "outra", enfim, que seja relacional. Essa conjunção entre autonomia energética e heteronomia material é uma das funções e sentidos centrais da informação, a correlação entre matérias e energias⁶. Como afirma Simondon "é virtualmente receptora toda realidade que não possui inteiramente nela mesma a determinação do curso do seu devir" (Id.), ou seja, toda realidade que para se transformar, todo o ser que para devir, necessita desse "outro" por meio do qual há relação; neste sentido é que a ressonância interna é condição da existência da informação⁷.

⁶ Como sinalizou Simondon: "o problema da individuação estaria resolvido se soubéssemos o que é a informação em seu nexa às outras grandezas fundamentais, com a quantidade de matéria ou a quantidade de energia" (SIMONDON, 2020a, p. 233).

⁷ O conceito de ressonância interna é particularmente importante para a compreensão do modo como as relações existem. A filosofia simondoniana, e seus leitores, deparamo-nos com uma dificuldade encarnada no uso da linguagem explicativa que consiste no fato de que os conceitos tendem a individualizar as relações, de uma tal maneira que noções como reciprocidade, correlação, complementaridade, metaestabilidade e comunicação, quase terminam por reinserir uma separação no ser, quase escorregam para uma lógica dialética que toma o devir como negatividade ou exteriorização. O conceito de ressonância interna, em contrapartida, implica o "como" e o "o que" das relações para além da dualidade exterior e interior. Nesse sentido, a ressonância interna descreve um relacionar-se em que as relações nunca se fecham em uma individualidade já constituída, mas são uma **relacionalidade em constituição**.

Em síntese, parece-nos claro que o que Simondon está apresentando para seus interlocutores cibernéticos são os fundamentos filosófico-informacionais da **ontogênese da individuação** e da **ontogênese da tecnicidade**, e não propriamente os conceitos de individuação e de objetos técnicos. Simondon está claramente colocando o vocabulário cibernético em jogo (código, ruído, sinais, informação, sistema e suas reversibilidades e irreversibilidades, *inputs e outputs* etc.) para definir a informação a partir de uma metafísica em que o ser é um sistema de relações. Como afirma Yuk Hui, com base na leitura de Barthélémy:

Simondon considera uma definição sistêmica de informação e, de fato, a informação não pode 'existir fora de uma situação de informação, ou seja, sem um sistema'. (...) pode-se dizer que o sistema permite simultaneamente uma amplificação transdutiva, moduladora e organizadora. Passando de um meio para um sistema, vemos que as relações se tornam cada vez mais concretas, no sentido da concretização dos objetos técnicos de Simondon (2015, p.45-6).

Considerar o *ser* como um sistema de relações, e não apenas um meio associado para um devir, permite que Simondon **individue os modos de existência da informação como modos de operar as relações**. Então, poderíamos afirmar que, assim como a individuação física, vivente e psicossocial – ou a concretização dos objetos técnicos –, eram os modos da ontogênese, do devir do ser na primeira dimensão que explicamos da informação; a amplificação transdutiva, moduladora e organizadora **são modos de relacionalidade da informação**, são os modos dos processos informacionais de amplificação, são devires do devir. Assim, poderíamos definir:

- As relações transdutivas como modos em que a ontogênese se dá por recrutamentos positivos das cargas pré-individuais em sistemas metaestáveis e dos potenciais, aparecendo em processos de individuação para os quais há complementariedade entre

estruturas e operações (por isso que o modelo das relações transdutivas será a cristalização).

- As relações moduladoras como modos em que a ontogênese se dá por limitação dos devires e regulação dos potenciais, aparecendo em processos de individuação no qual as relações se estabilizam, em maior ou menor grau, em indivíduos e em termos individuados (o modelo da modulação mais que o relé, pode ser considerado o próprio indivíduo, todo indivíduo é por excelência um modulador, um conjunto de relações moduladoras).

- As relações organizadoras em que a ontogênese se dá por resolução de novas problemáticas, regimes de invenção, espiritualidade, ação do sujeito; é um descobrimento de sistemas de complementaridade e compatibilidade a partir de relações transdutivas e moduladoras entre sistemas, em que as individuações já são coindividuantes (o modelo da organização é evidentemente o transindividual, desde que se entenda que ele não se restringe ao psicossocial, sendo as plantas um dos seres transindividuais por excelência).

Esta caracterização triádica poderia parecer uma reedição de uma lógica geral das relações – ou um esquema geral de pensamento –, e em certo sentido o é (como analisamos em nosso livro de introdução à filosofia simondoniana); mas, esse esquema geral de processualização das individuações (devir do devir), não se assemelha à lógica hegeliana, pois o ser e a informação não se restringem apenas a essa segunda dimensão metafísica. Segundo Muriel Combes, a frase de Hegel "O que é racional é real, e o que é real é racional" seria reescrita por Simondon: "O que é relacional é real, e o que é real é relacional" (2013, p. 18). Isto porque a realidade do sistema do ser não obedece a uma racionalidade dos vínculos ou nexos arbitrários do pensamento, não corresponde apenas a uma análise do modo de funcionamento das relações – o que seria um sentido extremamente reducionista do realismo das relações de Simondon.

Como veremos agora, a relacionalidade, o ser das relações, não é produzido ou derivado logicamente de nexos [*rapport*] que

o pensamento encontra como consistência do ser em suas relações diferenciais, mas é a própria **atividade das relações** que aparecem por meio das significações como relações se relacionando. Por essa razão é que a realidade não é apenas relativa para Simondon, como quiseram alguns comentadores, mas relacional; não se trata apenas de as relações constituírem o ser, elas são o ser.

Retomando, vimos até aqui, por um lado, duas das dimensões da metafísica da informação de Simondon, como devir do ser e como devir do devir; permeabilizando, por outro lado, essas duas dimensões com dois sentidos da informação que Simondon propõe, como 1. processo e/ou tensão em um sistema que pode ocasionar uma transformação no receptor e como 2. singularidade e pré-individualidade, excesso à toda lógica, epistemologia e ontologia - "essas singularidades reais, ocasião da operação comum, podem ser nomeadas informação. A forma é um dispositivo para produzi-las" (SIMONDON, 2020a, p. 54). Como resultado esperamos ter apontado para um terceiro sentido e dimensão da informação que implica uma essência da informação como devir do ser e como devir do devir, essência que já não será individual, mas relacional; que podemos denominar "relacionalidade".

Informação e relacionalidade

Este terceiro passo é decisivo porque é somente ele que nos permite compreender mais claramente a diferença proposta por Luciano Floridi entre ontologia digital e ontologia informacional, esta última baseada na compreensão da realidade como relações⁸. Já a ontologia digital que substancializa o informacional e suprime

⁸ "Existem ontologias – particularmente aquelas apoiadas pelo realismo estrutural ôntico e pelo realismo estrutural informacional – que tratam a natureza última da realidade como relacional. E uma vez que as relações não são nem digitais, nem analógicas, nem uma combinação das duas, a conclusão negativa retira de campo a potencial confusão entre ontologia digital e informacional, abrindo espaço para o desenvolvimento da última" (FLORIDI, 2014, p. 325-6).

o relacional aparece sob algumas figuras. A cibernética, por exemplo, entreviu a informação como relação, mas lhe colocou alguns limites para que fosse quantificável e codificável; ela ressubstancializou, como já criticava Simondon, a informação por meio de dados e códigos – transformando relações em correlações estatísticas e nexos em conexões. Mas, se quisermos ser justos com a cibernética e com sua exitosa, como alertou Rodríguez, aplicação da informação para diversos tipos de seres, temos que entender que ela captou de um modo absolutamente novo a informação como essência do ser e do devir, mas se restringindo a considerá-la como essência individual. É por isso que ela manteve, como assinalou Bardin, premissas clássicas de fundo de diferenciação entre ativo e passivo, interno e externo, informação e relação; pares opositivos que só se sustentam se o modelo de inteligibilidade lógica são os termos e, ontológica, os indivíduos.

No paradigma tecnológico cibernético o código do Emissor e do Receptor devem coincidir para que possa ocorrer a correta troca de informação (...) pelo contrário, para Simondon, o código e o funcionamento do sistema dependem um do outro (BARDIN, 2015, p. 26).

A informação é essencializada como estrutura individual de codificação dos sistemas, nisso consiste não apenas sua face mais evidente que é a linguagem universalista e uniformizadora dos *bits*, mas também os sistemas não totalmente digitais que são programados de modo a que a informação possa operar como uma nova substância que os operacionaliza – o analógico se torna interdependente da informação digital. Curiosamente, os sistemas avançam com tecnologias das ciências de dados, da inteligência artificial, da terapia gênica e do controle algorítmico, mas em modos que a informação ainda responde a unidades e identidades substanciais. Nesse sentido a metafísica da informação de Simondon, ao conceber uma essência relacional da informação, como relacionalidade e como correlação – não no sentido estatístico, mas sim **co-relação** – entre matéria e energia, faz com

que nos afastemos de todo substancialismo da informação digital⁹. A metafísica da informação propõe, radicalmente, que não somente os indivíduos já não possuem unidades e identidades substanciais, mas que também as relações entre indivíduos e as relações entre relações, as relacionalidades, não se encerram em significações substancializadas. Para tanto, o ser das relações não pode ser capturado em um estado do sistema, subsumido no registro dos sinais, suprimido em um modo preestabelecido das comunicações se darem, reduzido em nexos arbitrários entre relações.

Em síntese, a informação como relacionalidade pode ser caracterizada como a condição segundo a qual há informação – correlações entre matérias e energias¹⁰ – quando há processos e operações que podem transformar um receptor (devir do ser); modos de amplificação desse devir segundo relações em sistemas específicos e singulares (devir do devir); e, finalmente, essas duas dimensões são consideradas como relacionais, dependendo, portanto, de um *outro*, da relação a uma alteridade, de uma existência que se dá sempre em conjunto com outro ser (verbo e substantivo). A essência do ser e do devir é relacional e os processos de informação são uma atividade co-relacional entre seres e devires. Para finalizarmos, queremos apresentar breves apontamentos sobre como o capitalismo digital consegue vincular a informação como processo e como excesso, mas às custas justamente de operar uma captura e supressão dessa essência relacional.

⁹ "Simondon define o indivíduo como o resultado de três condições: a condição energética, a condição material e a condição informacional – que geralmente lhe é não-imanente. A condição informacional é a que possibilita a resolução da tensão entre as condições material e energética" (HUI, 2015, p. 35-6).

¹⁰ Teremos que ainda nos debruçar em outras ocasiões sobre essa dimensão física da informação como correlação entre matéria e energia, até porque como afirmou Simondon "um traço notável da relação da Filosofia e da Física entre os antigos é que a conclusão ética já está pressuposta no princípio físico. A física já é ética" (SIMONDON, 2020a, p. 135).

Captura e supressão do relacional

Poderíamos abordar a sociabilidade controlada pelas plataformas, em que as conexões de alteridade são transformadas em conectividades automatizadas (VAN DJICK, 2016, p. 30); as relações sociais individuando-se redes sociais; sociabilidade com alteridades cada vez mais controladas segundo princípios de relevância e critérios de influência. Poderíamos discutir manipulações na biopolítica molecular como o tem feito Pablo Rodríguez (2019); e disjunções presentes, por exemplo, na terapia gênica e na impressão 3D entre modelos e práticas que reduzem ou abstraem o relacional ou o potencializam. Mas, vamos nos deter no exemplo do **governo das relações** por meio de algoritmos em que tal supressão do relacional nos parece mais evidente.

Na caracterização de Rouvroy e Berns da governamentalidade algorítmica, um apelo à Simondon se torna quase incontornável para os autores, isto porque "esse modo de governo parece não ter mais, por apoio e por alvo, os sujeitos, mas as *relações* enquanto sendo anteriores aos seus termos" (2018, p. 129). Não são os indivíduos propriamente que são alvos da vigilância e da agência distribuídas do capitalismo digital, mas os próprios indivíduos portam os sensores (*smartphones*) que os fazem relacionadores constantes de dados – desde que os dados sejam tratados sempre como relações e correlações que podem ser novamente individualizadas, e perfilizadas como explicou Fernanda Bruno (2013). Seguindo ainda Rouvroy e Berns,

Poderíamos até chegar a dizer, aproveitando sempre esse confronto entre uma prática de governo e o pensamento simondoniano, que essa prática, concentrando-se nas relações, consegue 'monadologizá-las', transformá-las em estados, mesmo em 'status', como se as relações fossem, elas mesmas, indivíduos, isto é, sua condição perde o que se tratava de pensar com Simondon, a saber, o devir em ação numa realidade metaestável (ROUVROY; BERNs, 2018, p. 133).

O capitalismo digital, e essa dimensão da governamentalidade algorítmica e da vigilância, podem considerar cada sujeito como uma multidão, desde que esta seja um "múltiplo sem alteridade"; podem facilitar uma dimensão transindividual que é pré-individual aos sujeitos, "quando os desejos que aí se movem nos antecedem", ou seja, quando a subjetivação advém de um campo transindividual como são as redes sociais; e podem agenciar o devir e captá-lo não como um devir-outro específico, mas como um devir-outro genérico que, então, "faz dos seres humanos processos livres para *se projetar*, relatar-se, tornar-se sujeitos, individuar-se, seguindo trajetórias relativa e relacionalmente abertas?"(ROUVROY; BERNIS, 2018, p. 136)¹¹.

Gostaríamos de indicar que a metafísica da informação de Simondon nos fornece uma chave para compreendermos esses processos de captura e de supressão do relacional. É conhecida a famigerada diferenciação que ele faz entre relação (*relation*) e nexos (*rappor*t); mas, retomemos a citação de base desta diferenciação.

Se uma distinção de termos é útil para fixar os resultados da análise das significações, pode-se nomear relação [*relation*] a disposição dos elementos de um sistema com um alcance que ultrapassa uma simples visão arbitrária do espírito, e reservar o termo nexos [*rappor*t] para uma relação arbitrária, fortuita, não conversível em termos substanciais; a relação seria um nexos tão real e tão importante quanto os próprios termos; poder-se-ia dizer, conseqüentemente, que uma verdadeira relação entre dois termos equivale, de fato, a um nexos entre três termos (SIMONDON, 2020a, p. 87-8)

¹¹ Essa generalidade do devir, descrita pelos autores, emparenta-se bem com os discursos de autorrealização que fenômenos como empreendedorismo, coaching, autoajuda, self-management, educação continuada, entre outros mobilizam nos sujeitos contemporâneos. São modos de competição e meritocracia exacerbada que o neoliberalismo fomenta e encontra nas dinâmicas de autenticidade. Sobre esta discussão, ver Vilalta, 2021b.

Podemos diferenciar dois tipos de relacionalidade que são propostas e analisadas por Simondon. Por um lado, as relações que são constituídas pelas próprias individuações física, vivente e psicossocial em suas processualidades próprias, por outro, os nexos que são vínculos arbitrários que o pensamento estabelece para captar as relações em devir. Por isso que uma relação entre dois termos – dois indivíduos em relação de individuação – equivale a um nexo entre três termos, pois o nexo é estabelecido por um terceiro que vincula as relações anteriores. A captura do dispositivo digital ocorre, gostaríamos de sugerir, por meio da transformação desse tipo de relacionalidade que são os nexos em conexões, um nexo se torna relativo a outro nexo; e o que passa a ocorrer é que o nexo já não é uma relação entre duas outras relações, mas é uma relação entre dois nexos, uma conexão, um **co-nexo** que inscreve e circunscreve a relação num campo de vínculos arbitrários. Vejamos um exemplo.

A governamentalidade algorítmica tem por operação fundamental a modulação de dados em metadados. Podemos definir "dado" como um nexo estabelecido entre relações captadas na realidade; um dado reatualiza as relações captadas abstraindo-as segundo normas de redução dessas relações. Assim, um dado topológico não capta a totalidade das relações de um terreno, mas vínculos específicos de acordo com nexos determinados por um código ou programa – como se diz, o mapa não é o território. Com dados estatísticos de populações não é diferente; as relações sociais são reduzidas aos vínculos específicos, a padrões de consumo, saúde, renda, etc. que permitem que os dados forneçam nexos particulares da realidade. Códigos e programas são exemplos de metadados, que são dados sobre dados, que **vinculam os vínculos de uma maneira particular**. Metadados são nexos que determinam ou memorizam como os nexos devem captar as relações na realidade. Os algoritmos estabelecem relações entre dados e metadados, são orientações de

como dois tipos de nexos devem ser conexos entre si para capturar as relações¹².

O livro *A cultura da conectividade* de José Van Djick (2016) está repleto desses exemplos de como a socialidade é controlada e governada por meio de conectividades (conexões de conexões) estabelecidas por algoritmos. Sistemas de recomendações, seja de produtos, de amigos ou de vídeos para assistir, valem-se de algoritmos que relacionam dados que os usuários estão produzindo em tempo real e que são estratificados pelas plataformas em metadados que constituem um perfil que a permite justamente "ler" esses usuários; nexos são estabelecidos com base em outros nexos e as relações sociais, de consumo, de preferência, por exemplo, passam a existir enquanto conexões. Isto, de modo tal,

¹² Se tomarmos a formulação de Matteo Pasquinelli em seu ensaio *Capitalismo maquínico e mais-valia de rede: Notas sobre a economia política da máquina de Turing* (2013), podemos afirmar, adaptando-a, que dados são "informação como informação" e metadados são "informação sobre informação". Consequentemente, podemos definir que um dado é uma *norma* sobre como uma informação pode ser recebida e processada, enquanto um metadado pode ser definido como um *valor* aplicado a essa norma, ou seja, é uma *relacionalidade*, uma significação de um conjunto de relações. Por sua vez, os algoritmos podem ser caracterizados como um conjunto de instruções que compatibilizam e organizam as relações entre dados e metadados, a partir de modos de leitura e codificação, ou seja, programas. Como base nessas definições, podemos afirmar que os algoritmos governam e determinam o sistema de relações e correlações entre dados e metadados, controlando-os e codificando-os; eles são *sistemas de relações entre normas e valores informacionais*. Por toda parte eles operam fundamentalmente do seguinte modo, seja em aplicativos e plataformas ou nas ciências de dados; um fluxo é transformado em outro fluxo, uma relação em outra relação – a informação como informação (os dados) é acumulada com o intuito de se extrair metadados, produzindo *informação sobre a informação*. Os metadados resultantes (nexos) deste processo algorítmico passam a operar como medida de informação, computando a dimensão social e a traduzindo em valor. Podemos, finalmente, propor que o algoritmo é um dispositivo ético-político que expressa racionalidades sociais que foram internalizadas no funcionamento das *conexões*. Para um detalhamento maior dessa caracterização, ver: RODRÍGUEZ, 2018.

que o que não está conectado, o que não possui conexão, ou as conexões que não são conectivas, correm o risco de não existir; as relações que continuam sendo possíveis são aquelas que são redutíveis às conexões. Como explicou Franco Berardi "Bifo" sobre o capitalismo financeiro:

A concatenação dos corpos se remodela de acordo com um princípio conectivo porque os corpos devem obedecer a protocolos uniformizados caso desejem poder trocar dados. Em uma rede, os participantes devem ser compatíveis com o código compartilhado de interoperatividade. O que conduz a um tipo de efeito enxame: os indivíduos atuam de maneira livre, mas seguem pautas neuronais precombinadas. (...) Isto explica porque o capitalismo financeiro parece possuir um poder ilimitado e incontestável sobre a sociedade contemporânea: não é possível realizar nenhuma ação social sem adotar a linguagem, os canais de trocas e os protocolos previamente estabelecidos pela máquina digital-financeira (2014, p. 117-8).

O que ele descreve é a síntese do que tentamos apresentar aqui: a generalização de um modo de captura do relacional de modo a que as relações de todos os tipos só possam participar das conexões se, justamente, suprimirem seu caráter relacional. O modo mais eficaz que o capitalismo digital tem utilizado para operar essa captura e supressão é o de, paulatinamente, ir substituindo o que antes eram relações por nexos e conexões – em sistemas de conectividade. A amizade passa a ser um tipo específico de conexão, a relevância e a autoridade pública outro tipo, a militância, o ativismo, o protesto e a resistência passam a ser conexões... e, quando nos damos conta, um número cada vez maior de relações parecem apenas existir, ser reconhecidas e politicamente disputadas quando aparecem em conexões e correspondem a *conexões pré-existentes às relações*.

Concluimos, após esses breves apontamentos críticos, constatando que precisamos analisar o capitalismo digital não como

operando por informações digitais contrárias às dimensões do devir, dos processos, das potências pré-individuais ou do trans-individual; o capitalismo digital captura, absorve e incorpora cada vez mais essas dimensões de devir, processualizando esses devires; mas o faz por meio de um agenciamento distribuído de controle e organização que precisa suprimir o relacional das relações, fazendo-as individuais e individualizáveis a partir do governo das conexões.

Referências

- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução, textos adicionais e notas: Edson Bini São Paulo: Edipro, 2012.
- ASHBY, R. **Introdução à cibernética**. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- BARDIN, A. **Epistemology and Political Philosophy in Gilbert Simondon – Individuation, Technics, Social Systems**. London: Springer, 2015.
- BATESON, G. **Espíritu y naturaleza**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993.
- BERARDI, F. **La sublevación**. Buenos Aires: Hekht Libros, 2014.
- BLANCO, J.; RODRÍGUEZ, P. **Organization and information in Simondon's theory of individuation**. Journal Culture and Organization, Volume 22, p. 1-11, 2016.
- BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- BURGIN, M. **Theory of information – fundamentality, diversity and unification**. Danvers: World Scientific Publishing, 2010.
- COMBES, M. **Gilbert Simondon and the Philosophy of the Transindividual**. Cambridge: The MIT Press Massachusetts, 2013.
- FLORIDI, L. **The Philosophy of Information**. New York: Oxford University Press, 2014.

HAYLES, K. **How we became posthuman: virtual bodies in cybernetics, literature, and information.** London: The University Chicago Press, 1999.

HUI, Yuk. Simondon et la question de l'information. In: BARTHÉLÉMY (org.) **Cahiers Simondon: Numéro 6.** Paris: L'Harmattan, 2015.

LOGAN, R. **Que é informação – a propagação da organização na biosfera, na simbolosfera, na tecnosfera e na ecosfera.** Tradução Adriana Braga. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2012.

MACKAY, D. **Information, mechanism and meaning.** Massachusetts: MIT Press, 1969.

PASQUINELLI, M. **Capitalismo maquínico e mais-valia de rede: Notas sobre a economia política da máquina de Turing.** Revista Lugar Comum, n. 39, 2013, p. 13-36.

RODRÍGUEZ, P. **Las palabras en las cosas: saber, poder y subjetivación entre algoritmos y biomoléculas.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2019.

RODRÍGUEZ, P. **Governamentalidade algorítmica – sobre las formas de subjetivación en la sociedad de los metadatos.** In: *Revista Barda*, Ano 4, n. 6, Junho de 2018.

ROUVROY, A; BERNS, T. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o dispar como condição de individuação pela relação?. In: BRUNO, F [et al.]. **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem.** São Paulo: Boitempo, 2018, p. 107-39.

SIMONDON, G. **A individuação à luz das noções de forma e de informação.** Tradução: Luís Eduardo Ponciano Aragon e Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2020a.

SIMONDON, G. Forma, informação e potenciais. In: SIMONDON, G. **A individuação à luz das noções de forma e de informação.** Tradução: Luís Eduardo Ponciano Aragon e Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2020b.

SIMONDON, G. **A amplificação nos processos de informação**. Tradução: Pedro Peixoto Ferreira e Evandro Smarieri. Trans/Form/Ação, Marília, v. 43, n. 1, Jan./Mar., p. 283-300, 2020c.

SIMONDON, G. **Cours sur la perception : 1964-1965 – préface de Renaud Barbaras**. Chatou: Les Éditions de La Transparence, 2006.

VAN DIJCK, J. **La cultura de la conectividad: Una história crítica de las redes sociales**. Traducción de Hugo Salas. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016.

VILALTA, L. **Simondon: uma introdução em devir**. São Paulo: Editora Alameda, 2021a.

VILALTA, L. **Desinformação produz delírio coletivo e polarizado**. Artigo publicado no site Desinformante, disponível em: <https://desinformante.com.br/desinformacao-produz-delirio-coletivo-e-polarizado/>. (2021b). Acessado em: 17 jan. 2022.

VILALTA, L. **O neoliberalismo é uma governamentalidade algorítmica**. *Lacuna: uma revista de psicanálise*. São Paulo, n. 9, p. 7, 2020, disponível em <https://revistalacuna.com/2020/07/12/n-9-07/>.

WIENER, N. *The human use of human beings – cybernetics and society*. New York: Doubleday Anchor Books, 1954.

WIENER, N. *Cibernética: ou o controle e comunicação no animal e na máquina*. São Paulo: Perspectiva, 2017.